O OCCIDENTE

Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral doscorreios)	5$000	2$500	—$—	—$—

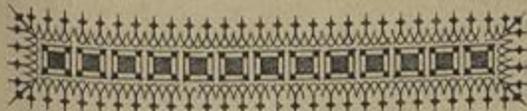
22.º Anno — XXII Volume — N.º 737

20 DE JUNHO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois do grande fiasco do romance tragi-comico Verissimo-Pina, cuidaram muitos que as primeiras diligencias da policia para descobrir os assassinos do Fandago dariam um quinto acto de riso.

Assim não foi, porém, e á medida que vai crescendo o numero dos presos, que já não cabem na cadeia de Villa Franca, por cada um sobre que as suspeitas recaiem, novos cumplices apparecem em progressão aterradora.

Não são da ralé os implicados. Os seus nomes eram conhecidos e parece que estimados alguns d'elles. Mais um caso que prova lugubremente a gangrena que vai alastrando por todas as camadas sociaes.

Não estão ainda demonstradas as causas do crime cobarde de que foi victima o Fandango; mas, muito embora este fosse pouco estimado por quantos com elle tiveram relações, parece fóra de duvida que os auctores do crime foram levados por algum sentimento ainda mais baixo do que o odio.

O que mais revolta n'esses criminosos é a hypocrisia de que deram repellentes provas durante os annos que se seguiram ao crime friamente planeado e executado. Alguns d'elles mandaram depôr corôas sobre o caixão do assassinado, continuavam cultivando a amizade do filho, deixavam recahir suspeitas sobre innocentes.

Cada dia nos reserva uma surpreza. O numero dos cumplices vai crescendo a cada hora. Os jornaes de maior publicidade e sobretudo a *Folha do Povo*, cujos reporters, muito trabalharam no desembrulha da meada e descoberta dos criminosos, repartem as suas columnas da primeira pagina entre este assumpto de tamanha sensação e a estada em Lisboa da maior esquadra franceza que tenha visitado o nosso porto.

Não tem faltado as festas. Quanto se fez em honra da esquadra ingleza e da allemã, que no Tejo chegaram a juntar-se, se tem repetido agora.

Recepções, bailes e jantares, foram offerecidos aos officiaes francezes. Para elles se abriram as salas do palacio de Ajuda e do palacio da legação de França e a grande sala do risco no Arsenal de Marinha, admiravelmente ornamentada.

No dia do baile em casa de Mr. Rouvier no esplendido palacio do marquez de Abrantes, com seus jardins suspensos sobre o Tejo, foi deslumbrante a illuminação dos navios, todos desenhados com fitas de luz electrica. Se não fosse as linhas scientificas dos modernos engenhos de guerra, dir-se-hia uma vista das Mil e Uma Noites.

De todos os altos da cidade o povo admirava o espectaculo deslumbrante.

O povo portuguez gosta da França, cujos grandes homens conhece, cuja litteratura lhe tem dado os maiores prazeres nas horas d'ocio.

Foi de França tambem que lhe veio a formosa senhora, sympathica e virtuosa, que hoje se senta no throno de Portugal, tentando renovar nobres tradições de antigas rainhas de que justamente nos orgulhamos.

Ainda ha poucos dias, na grande sala do ministerio do reino se reuniram a convite da sr.ª D. Amelia, representantes de todas as classes, financeiros, lavradores, politicos, jornalistas, e, por iniciativa da caritativa senhora, foi aberta a subscripção para a fundação de asylos para o tratamento de tuberculosos.

Com tamanho enthusiasmo foi a idéa acolhida, que logo n'esse momento a subscripção attingiu uma somma importantissima, superior a sessenta contos de réis.

A sr.ª D. Amelia, que tanto estima os portuguezes, é uma gloria tambem para essa França onde nasceu, a quem tantos vivas os portuguezes acabam de soltar, mas que tão difficil momento de vida vai atravessando agora.

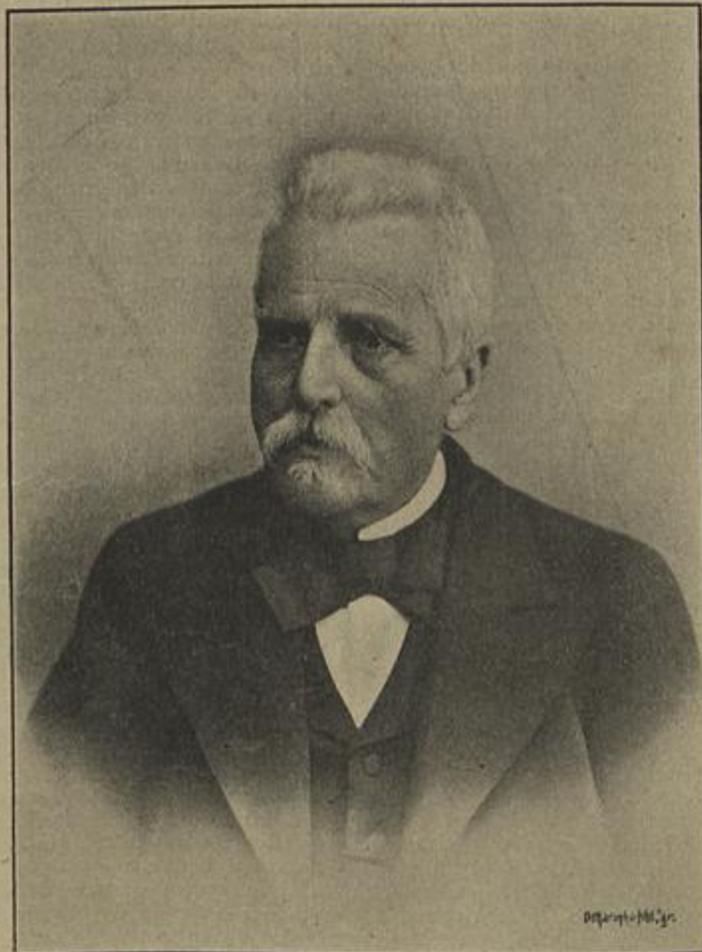
Serenou a questão levantada pelos tumultos de Auteuil. O conde Christiany, que não passa d'um pateta malcreado, foi muito bem condemnado a quatro annos de prisão.

Mas o caso complicou-se com o procedimento da policia no dia das corridas de Longchamps. Na rua Montmartre, em frente das redacções da *Aurore* e de *Petite République* a policia carregou sobre os republicanos e socialistas que acclamavam Loubet e davam vivas á republica. No dia seguinte, com surpreza de muitos e sem que tal fosse previsto, o ministerio presidido por Dupuy cahia deante do protesto da maioria da camara. Para presidir ao novo conselho foi chamado Waldeck-Rousseau. É de crêr que seja um ministerio energico, que assim as circumstancias o tornaram mais que necessario.

Dreyfus, que vem a caminho de França, e o seu novo julgamento, ainda hão de ajudar a novas excitações; mas é de crer que a auctoridade saiba manter-se e que justiça seja feita inteiramente, que é esse o desejo de todos os homens de bem, fóra de toda a paixão politica.

Mas, infelizmente não é apenas em França que os ares andam turvos e carregados.

Ha dias os jornaes publicavam o telegramma seguinte: — «Belgrado, 16, ás 9 e 30 n. — Os albanezes e musulmanos da fronteira da Servia, acompanhados por mil soldados turcos entraram no territorio da Servia, matando os habitantes de varias povoações e saqueando as casas. Por este motivo considera-se inevitavel a guerra, tendo a Servia enviado já um ultimatum á Turquia.»

Maior gravidade tem para nós a questão entre o Transvaal e a Inglaterra, guerra em que, se rebentar, difficilmente poderemos conservar a nossa neutralidade. Parece que, infelizmente, está reconhecida a necessidade da declaração de guerra e, segundo um telegramma de Johannesburg, corre

CONDE DA REDINHA

ali o boato de que a Inglaterra dirigiu para Pretoria um despacho em termos muito energicos.

Entretanto na Haya estão reunidos os conferentes para a paz universal. O grande ideal do Tzar da Russia, o desarmamento de todas as nações, vai, cada vez mais, parecendo uma utopia. N'este cantinho de Portugal pudemos nós, em menos d'um mez, formar uma fraca idéa de como todas se vão armando.

Mas na Haya, na pacatissima capital da Hollanda, parece que ainda se crê na realisação do bello sonho imperial. Essa fé existe pelo menos no excellente coração d'um bom dono de hotel, que, no papel de cartas, por baixo do nome da casa, mandou gravar esta sympathica allegoria: uma peça está no chão ao lado da carreta escangalhada, um sabre está partido em mil bocados, n'uma espingarda uma aranha vai construindo placidamente a sua teia, emquanto, sobre os esquecidos engenhos de guerra, uma pombinha vôa levando no bico o decantado raminho d'oliveira.

Não é só o Tzar que tem sonhos, como se, vê

O nosso ministro na Hollanda, sr. conde de Selir, dará uma serie de festas, sendo a primeira um jantar á delegação portugueza na conferencia do desarmamento e paz A segunda será um outro jantar offerecido ao corpo diplomatico estrangeiro.

Por cá tambem os jantares não teem faltado e ainda o ultimo offerecido na sala do risco aos officiaes da esquadra franceza foi esplendido se não mente o *menu* publicado por todos os jornaes e se é verdadeira a fama de que ha muito gosa a casa Ferrari, fornecedora do banquete.

Não ha nada como um bom jantar, está visto, para criar amigos. Realmente seria uma injustiça, a bradar aos céos, que, depois de repletos, inglezes, allemães ou francezes se lembrassem de mandar meia duzia de granadas para os telhados das casas que tão bem os receberam. Não ha nada para abrir as almas e os corações como uma boa digestão.

Mas aqui é que bate o ponto. Temos a maior confiança em todos os srs. Ferraris, fornecedores de pasteis e sandwiches variadas, mas não podemos deixar de recommendar a quem olha pelos destinos da nossa patria que abra bem o olho não entre na cosinha algum traidor. Emquanto as nações comem bem nas casas das outras, são amigas; mas, venha um molho avariado, e temos a guerra universal.

Está visto que os diplomatas são entendidos em coisas de cosinha. Cuidado tenha quem os convida. Uma má digestão transtorna os nervos e de pequeninas causas nascem grandes effeitos. Quem gosta de comer bem e muito, não tolera jantares máos e pequenos.

Alguns artistas tambem houve grandes comilões, que o estomago é orgão que nunca prejudicou diplomacias nem obras d'arte. Um dos famosos foi Rossini, o auctor do *Guilherme Tell*, da *Simiramis*, do *Barbeiro* e de tantas outras obras primas.

Cheio de glorias, passou muitos annos em Paris, vivendo de seus rendimentos e levando boa vida. Uma senhora, que elle sabia avarenta, convidava-o muitas vezes para jantar, mas Rossini achava sempre alguma desculpa, bem sabendo que qualidade de jantar lhe havia de ser offerecido. Mas as instancias foram tantas que elle um dia acceitou.

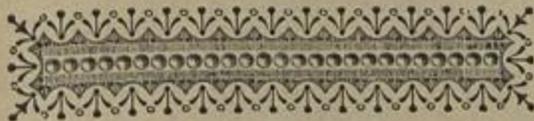
Nem um jantar de franciscanos!

A' sobremesa a dona da casa, muito amavel, disse para o maestro.

— Espero que repetirá.

E elle, ainda mais amavel:

— Já, se quizer!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DA REDINHA

Temos hoje ensejo de publicar o retrato de um dos mais illustres membros do partido legitimista portuguez, nobilissimo fidalgo de integro caracter, sr. conde da Redinha, que ha pouco se retirou da politica activa do seu partido, que lhe deve grandes serviços, e o qual lhe deu por essa occasião uma eloquente e affectuosa prova publica de sympathia e respeito.

O conde da Redinha, Antonio Maria da Luz de Carvalho Daun e Lorena, nasceu em 11 de julho de 1822. Conta, pois, hoje a edade de 77 annos. Foram seus paes: Nuno Gaspar de Carvalho Daun e Lorena, terceiro conde da Redinha, par do reino em 1826, conselheiro commendador da ordem de S. Thiago, tenente dos voluntarios realistas de Lisboa, ajudante de campo de seu irmão o quarto marquez de Pombal, e D. Maria Victoria de Sampaio Mello e Castro, quarta filha dos primeiros marquezes de Sampaio.

O conde da Redinha não foi o primogenito, mas ascendeu á representação do seu ramo nobliarchico pela morte de seu irmão Manuel Maria de Carvalho Daun e Lorena, alferes de cavallaria, victima da lucta civil de 1837, ficando assim senhor do morgado de Montalvão, instituido pelo grande ministro de el-rei D. José, seu bisavô, para o seu filho segundo.

O conde da Redinha casou em 12 de maio de 1843 com a ex.ma sr.a D. Maria Joanna Curvo Semmedo Delgado, bondosissima filha do desembargador da Casa da Supplicação Antonio Delgado e Silva, cavalleiro da ordem de Christo, e de D. Maria Amalia Ludovice, descendente do heroico *Sem Pavor*.

Como se vê, os illustres condes da Redinha descendem de nobilissimos avós, e continuam dignamente as tradicções de familia, egualando-os no fervor das suas crenças, e na integridade nunca desmentida do seu caracter diamantino.

Na vida politica do conde da Redinha consignam-se varias missões importantes, tendo ido pela primeira vez ás terras do exilio, em dezembro de 1866, fazendo parte da deputação do partido legitimista portuguez que, obedecendo aos desejos instantes da viuva de D. Miguel e ao sentir do proprio partido, conduziu em mãos portuguezas ao seio de terra extranha o cadaver do monarcha proscripto. Essa deputação compozera-se do marquez de Abrantes, condes de Almada, de S. Martinho e da Redinha, José Corrêa de Sá (Avilez), José Xavier Teixeira de Barros, Antonio Coutinho Pereira de Seabra e Sousa e D. Luiz de Vasconcellos Carvajal.

Quando mais tarde se deu o fallecimento de monsenhor Povolide, D. José Maria da Cunha, foi o conde da Redinha nomeado thesoureiro da *Subscripção alimenticia da real familia exilada*, logar que exerceu até que tão honrosos sacrificios partidarios puderam ser dispensados.

Em abril de 1870, foi o conde da Redinha convidado a ir para Roma, onde então estava o joven D. Miguel, servir-lhe de camarista. Tambem ali se encontravam a mãe do principe e sua irmã D. Maria das Neves.

D'ahi para cá foi muitas vezes ás terras do exilio, ora para estabelecer as bases de alguns dos contractos nupciaes das princezas, ora para assistir aos seus esponsaes.

Em 1879 o pontifice agraciou-o com a commenda de S. Gregorio Magno, e com a grã-cruz da mesma ordem em 1883. Em 1892, o grão-duque de Luxemburgo conferiu-lhe a grã-cruz de Nassan, com as respectivas insignias.

Merecendo toda a confiança de D. Miguel e a incondicional sympathia do seu partido, o conde da Redinha tem-lhe prestado relevantes serviços, de que só a veneranda edade o affastaram, com geral sentimento.

Por occasião da sua retirada da vida activa do partido politico que tanto o considera, recebeu o illustre fidalgo legitimista as mais penhorantes provas de respeito dos seus correligionarios e amigos, publicando o antigo periodico a *Nação*, no seu numero 12:923, de 18 de março do anno corrente, o retrato que reproduzimos, acompanhado de justissimas phrases de apreço.

Caracteres como o do illustre conde da Redinha honram sobremaneira o partido a que pertencem e egualmente todos os que lhe prestam homenagem.

MONT'ESTORIL

Esta moderna mas já bastante reputada estancia de verão, que hoje attinge um notavel desenvolvimento, era ainda ha bem poucos annos um logar rochoso e selvatico, coberto de pinheiraes e quasi desconhecido. Situado entre o logar de Santo Antonio do Estoril e a villa de Cascaes, quem passava pela antiga estrada real não lhe notava as proprias bellezas.

Um antigo proprietario d'uns terrenos á beira do mar lembrou-se ha bastantes annos de construir uma grande casa de campo, com bella vista para o Oceano, e esse foi o primeiro *chalet* que alli se viu. Chamava-se Torresão, e, até que o sr. Carlos Eugenio d'Almeida o adquirisse, sempre o referido *chalet* conservou o nome do seu possuidor. Seguiu-se mais tarde o *chalet* Bastos, e pouco depois o opulento proprietario sr. Carlos Anjos construia successivamente no Monte alguns *chalets* de madeira, com os nomes de suas filhas.

Em 1890 já o Mont'Estoril contava um bom numero de *chalets*. Em 1891, quando alli nos demorámos pela primeira vez, já uma companhia tinha dado grande impulso á nova estancia. Foi a construcção da via ferrea marginal ligando Cascaes a Lisboa, que deu occasião a que o sr. conde de Moser tivesse a idéa da fundação d'aquella estancia de verão, que deveria reunir os attractivos usados nas outras praias do estrangeiro.

Logo se organisou um grupo de capitalistas, fundando-se em 1889 uma companhia com a denominação de Companhia Mont'Estoril, dispondo do capital de 225 contos de réis.

Compraram-se terrenos, lançaram se ruas, ensombraram-se de palmeiras e magnolias, tornou-se emfim attrahente aquelle pittoresco logar.

Sabe-se que a vida da companhia correu nos primeiros annos bastante embaraçada, pelas difficuldades que a crise de 1891 creou em todos os ramos, obrigando a um retrahimento de construcções e acquisição de terrenos, que muito prejudicou a receita da companhia.

Em 25 de junho de 1891, reformaram-se os estatutos e isso contribuiu para, graças a uma energica gerencia, criar uma melhor situação.

Em 1894, com a profunda remodelação por que passou a administração da companhia, já o *deficit* foi muito menor, sendo apenas de 2:379$000 réis.

Desde então a companhia tem prosperado a olhos vistos Acabou-se o grande hotel, abriram-se novos estabelecimentos e installações, novas ruas, melhorou-se a installação da luz electrica, cuidou-se emfim de tornar o Mont Estoril o que hoje é.

As mil variadas construcções que alli se encontram merecem uma descripção especial, mas que é difficil fazer em pouco espaço.

Devemos, todavia distinguir, propriamente no Mont'Estoril, o *chalet Aduar*, do sr. Carlos Anjos, que com as suas dependencias toma o alto do extremo sudoeste do Mont'Estoril. N'elle, interna e exteriormente, lograram o fino gosto e opulencia do seu proprietario reunir os mais delicados e artisticos requintes de decorações, vendo-se alli bellas pinturas, etc.

O Mont'Estoril tambem deve ao sr. Anjos o maior renome, e ainda o anno passado este operoso proprietario trouxe da sua quinta de Valle de Cavallos, na Serra de Cintra, um novo e abundante abastecimento de finissima agua, cuja escassez no Monte tornava impossivel o seu desenvolvimento.

A canalisação é bastante extensa e no Mont'Estoril encontra-se um grande deposito que garante a abundancia do precioso elemento.

O chalet da nobre marqueza de Pomares, que o nosso illustre amigo sr. commendador Nicolau Pinto habita no verão, é decerto um dos mais distinctos chalets que alli se vêem.

O chalet *Vialonga*, que foi mandado construir pelo sr. Simões, e que o vulgo conhece pelo da *Telha verde* é tambem interna e exteriormente um dos mais elegantes e decorado com subido bom gosto.

Estes dois chalets só teem rival superior na linda e grande vivenda que se vê perto da estação do Estoril, já fóra do Monte, e que foi delineada pelo malogrado architecto italiano sr. Iank; construcção de tão aprimorado bom gosto, que nenhuma existe no paiz que se lhe compare.

O vasto chalet Almeida Pinheiro, embora lembre pelo gosto da sua construcção uma praça de touros, é digno de menção pela sua grandeza. N'elle em breve se inaugurará um luxuoso casino, verdadeiro modelo no seu genero.

O chalet Reynolds é tambem um dos mais bonitos, seguindo-se-lhe os dos srs. Marianno de Carvalho, que domina do alto do lago todo o monte; o grupo dos chalets do sr. visconde de Mangualde, no mesmo logar; o do sr. Avellar tambem junto ao lago, e os chalets de aluguer, onde se encontra alojado quasi todo o corpo diplomatico.

O palacio do sr. dr. Barahona, que entre as suas salas tem uma de grandes dimensões para concertos, merece menção especial e acha-se construido muito perto do oceano.

E' no Mont'Estoril ainda, mas já fóra do recinto propriamente designado com aquelle nome que se encontra, á beira da estrada, o antigo Chalet Ulrich, hoje pertencente a sua magestade a rainha senhora D. Maria Pia, que muito o tem aformoseado.

As nossas tres gravuras offerecem uma idéa suggestiva da formosa estancia, coalhada de mil

habitações de todos os estylos, algumas tambem, na verdade, bem caricatas e pretenciosas, para não dizer de um horrivel mau gosto, que teem o dom de fazer sobresahir as outras construcções mais distinctas, que se occultam entre macissos de vegetação, criando-lhes um ambiente agradabilissimo.

O jardim das Palmeiras é o parque, onde se reunem ás tardes e mesmo durante a calma do dia, as familias, aspirando deliciosamente o perfume dos magnolias e dos pytoxporos, cujo aroma lembra o das larangeiras em flôr.

Verdadeiro logar de fadas o Mont'Estoril é hoje, pela moda e pelos seus dotes naturaes uma estancia veraneal das mais apreciadas do paiz.

A ESQUADRA FRANCEZA NO TEJO

Depois da esquadra ingleza e da esquadra allemã, veio a esquadra franceza, composta de 16 navios, que ancoraram no Tejo na tarde do dia 11 do corrente.

As tres esquadras que visitaram agora o porto de Lisboa são das mais poderosas que nos ultimos annos tem fluctuado nas aguas do Tejo, que ha muito não recebia d'estas visitas. Os navios da esquadra franceza, são quasi todos grandes couraçados, principiando pelo *Formidable* de 11:411 toneladas, com velocidade de 1:602 milhas, 48 canhões de diversos calibres e 6 lança torpedos. A sua guarnição é de 674 homens do commando de Mr. Hodette. Foi construido em França, em 1885.

É este o navio almirante da esquadra commandada pelo vice almirante Mr. Sallandrose de Lamornaix, um dos officiaes mais distinctos da armada franceza, e que já esteve no Tejo commandando uma divisão naval de evoluções.

O segundo commandante da esquadra, Mr. Touchard, tem o seu pavilhão no *Amiral Duperré*, couraçado de 10:487 toneladas, commandado por Mr. Primière. Possue 36 canhões de differentes calibres e 18 canhões revolvers. A sua tripulação é de 662 praças Foi lançado á agua em 1879.

O *Amiral Baudin*, que a nossa gravura representa, é um enorme couraça de ferro e aço, com mais de 100 metros de comprimento. Tem 11:503 toneladas. É o maior navio da esquadra. Possue 43 canhões e seis tubos lança-torpedos. A sua tripulação compõe-se de 595 praças. Foi lançado á agua em 1883. É seu commandante Mr. Magnon.

O *Courbet*, commandado por Mr. Bernard tem 9:652 toneladas e 60 canhões de differentes calibres e systemas. Tras 650 praças. Foi construido em 1881.

O *Redoutable* commandado por Mr. Esmes tem 8:858 toneladas e 51 canhões. Compõe-se a sua guarnição de 670 homens. Foi construido em 1876.

O *Devastation* commandado por Mr. Fortin tem 56 canhões e 662 homens de guarnição. Foi construido em 1879.

O *Dupuy de Lome* tem 6:297 toneladas, 28 canhões e 4 tubos lança-torpedos. A sua guarnição é de 495 praças. Construido em 1890, é um dos navios mais modernos da esquadra.

Os outros cruzadores couraçados que veem na esquadra são o *Bruix*, e o *Catinat*.

Acompanham esta formidavel esquadra os torpedeiros *Mangini*, *Aquilon* e *Lancier*, os contratorpedeiros *Fleurus* e *Le Durandel* e os avisos *Surcouf* e *Cassini*.

A guarnição de toda esta esquadra compõe-se de 5:700 homens.

MEMÓRIAS LITERÁRIAS

JOÃO PEREIRA DA COSTA LIMA

(Continuado do n.º 736)

Nós pertenciamos ao numero dos que mais se deliciavam com as arrancadas, imitações e fructos do graciôso espirito do irrequieto e bondôso Costa Lima; e êste correspondia-nos, tendo por nós uma amabilissima deferencia, que muito presávamos. No regresso annual a Lisbôa, de volta do nosso tugúrio da Beira, increpava-nos élle sempre de que nos esqueciamos, de que nunca lhe tinhamos mandado duas simples linhas; e, no anno seguinte de 1886, fazia-nos comprometêr em sentido contrário.

— Escreve-me? — insistiu.

— Está dito, com uma condição.

— Venha ella: diga.

— De que a sua resposta será em verso.

— Aceito, com tanto que o meu bom amigo dê o exemplo. E não me diga que não.

Não havia resistir a instancias, que eram uma finêza, e representavam afecto.

Retirando-nos, nêsse anno, muito mais cêdo, por motivo de obras, a 22 de abril, escreviamos-lhe, com se vae vêr.

No final da correspondencia, comprehenderá o leitôr, e nós dirêmos a razão, porque inserimos aqui a seguinte

CARTA

Mêu amigo, Costa Lima,

senhôr de critica acerba,
varão, a quem falha um dente,
mâs que, apesar d'essa falha,
rumina, como a outra gente,
os ordenados do Palha, [1]
sem lhe prestar um serviço,
que de alguma coisa valha,
— eis me aqui ao vosso lado,
em espirito, risonho,
e até saudôso e apressado.

A vós, clamadôr potente,
dos nossos bellos serões, [2]
mordaz, severo, exigente,
critico dos mais pimpões,
a quem ocorrem aos centos
as palavras galhofeiras,
a quem, oh! caso inaudito!
uma simples *cuspidela* [3]
faz perdêr as estribeiras;
— eu cá, do alto do Parnaso,
no meu Pégaso agarrado...
peço perdão.. — eu d'esta encosta,
em pleno seio da Beira,
no meu garrano montado,
vos envio o meu saudar,
como áquelle, a quem costumo
de vêz em quando tosar,
sem que por isso vos deixe
de muito querêr e amar.

Ai, mêus serões do Rocio!
ai, fúrias de Costa Lima!
como esta alma vos estima!
que saudades vos envio!

O' varão de azêda veia,
estou a vêr-vos co'os dêdos
sôbre tabaqueira alheia,
cortado o discurso a meio,
á procura de um cigarro;
depois a batêr em cheio,
homem grandiloquo e forte,
nas costas dos *ruminantes*, [4]
uma récua de tratantes,
e até no latim do Sousa,
como quem diz — *estão verdes*.
Ouvindo vos ninguem ousa
falar, tugir ou mugir.
Se eu emudêço de pasmo
no furôr do entusiasmo,
e começo por babar-me,
e acabo por cuspir,
lá se interrompe o discurso!
e vós, com a mão na calva,
grave e fulo como um urso,
soltaes fera e negra praga,
como se andasseis aos tómbos,
com os *guerreiros* de Braga! [5]

Perdoae, varão illustre,
que eu não vos quero dar coça;
os meus ataques de asia
não são ataques de troça;
bem o diz esta saudade,
que eu vos mando viridente,
cá da minha soleuade
dôce e meiga confidente.

Ai, mêus serões do Moreira!
ai, fúrias do Costa Lima!
como esta alma vos estima
cá nas charnecas da Beira!

Se o cantôr da *Bambochata* [6]
queria que eu, recordando
os tempos da meninice,
e a voz á brisa soltando,
lhe mandasse um terno idillio
d'estas campinas floridas,
onde o rouxinol modula
as cantigas escolhidas
do seu vasto reportório
de tão velha tradição,
previno o que descêr deve
das alturas da illusão,

do cume d'essa esperança,
pôis, em pedras atascado,
passo a vida envôlto em barro
e em tábuas empoleirado,
cantando trénos á bolsa,
que me vae ficar esguia,
chata como um pé de meia,
delgada como uma enguia. [7]

Ai fúrias do Costa Lima!
ai, meus serões do Rocio!
como esta alma vos estima!
que saudades vos envio!

Por mais que eu queira entretér-me
uma hora a filosofar,
ou a pensar coisas dôces
pára um ledo versejar...
lá vêjo a mão dos canteiros
nas pedras a martelar!
e d'êste paiz da brôa
não consigo tirar nada,
que se pareça a uma lóa,
ou a uma simples volata,
que me dê um alegrão,
uma trégua á prosa chata,
um sorriso ao coração.

Ai, meus serões do Moreira!
ai, fúrias do Costa Lima!
como esta alma vos estima
cá nas charnecas da Beira!

O melro canta nos valles
o cuco nos pinheiraes,
os riachos fazem côro,
tilintando os seus cristaes;
a filomela amorosa
trila, á borda dos ribeiros,
e eu, oh! dura e triste sina!
só oiço vozes de operarios
e serras de carpinteiros!

Ai, calva do Costa Lima,
ai, dente dos meus pecados!
quando tornarei a vêr-vos,
ó sêres idolatrados?!

Recebei fundas saudades,
que se estendem aos Moreiras,
um... parco nos sêus sorrisos,
e outro.. alegre de maneiras,
que eu cá fico desterrado
até quando Dêus quizer!
Adeusinho, ó caro amigo!
estou bom.. muito obrigado.

Das margens do Alva airôso,
onde ja fui ás enguias,
triste, aborrido e saudôso,
montado no seu ginête,
vos sauda o vosso

Frias.

Pombeiro, 22 abril 1886.

Quatro dias depois, recebiamos esta

RESPOSTA

Recebi, meu caro Frias,
os teus cento e trinta versos,
cento e trinta melodias
de perfumes bem diversos;
taes e quaes como d'um vaso
do beirão jardim silvestre,
ou do monte do Parnaso
um *bouquet* da mão de mestre.

Feliz tu, ó meu poeta,
que do meio das agruras,
onde nasce a violeta,
inspirado das venturas,
que se encontram nos penates,
qual sonoro passarinho,
vaes cantando, entre os tomates
do pomar... ao pé do ninho!

Canta, canta, meu cochicho,
que o cantar na soledade,
entra n'alma, como o esguicho
da bisnaga da saudade.
Entre pedras de esquadria,
muita cal e muita areia,
eu invejo-te a poesia,
que desfructas n'essa aldeia.

Olha, eu creio estar-te vendo,
de esmeralda na gravata,
o bigode retorcendo,
empunhando uma chibata,
calça e luva côr de ervilha,
(sem falarmos no *penante*)
a cair-me de forquilha
no selim do rocinante.

---

[1] Alusão á pequena época, em que, depois do têr desempenhado o papel do velho Gaspar nos *Sinos de Corneville*, recebia ordenado, sem sêr chamado a trabalhar.

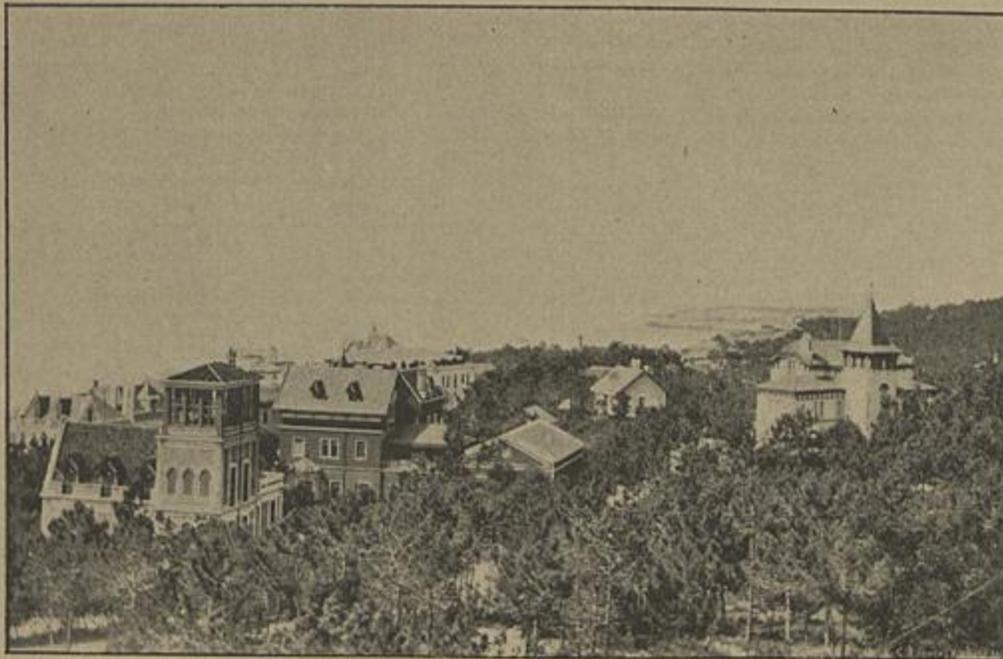
[2] Passados no escritório de Mattos Moreira.

[3] Lima contrariava-se sempre que algum dos ouvintes cuspia intencionalmente, quando êlle falava, como fica dito.

[4] Qualificativo, que o Lima dava aos roedôres do dinheiro do Estado.

[5] Alusão a uma desordem qualquer, de que os jornaes deram larga noticia.

[6] *Lusa Bambochata*, poema satirico já descrito.

[7] Tratava da edificação de um predio.

MONT'ESTORIL — Vista Geral

Nem um riso dos teus labios,
de alegria leve indicio!
tudo é grave; nem ha *sábios*,
que nos deem *beneficio!* [2]

Cá ficamos esp'rançados
pedincnando ante os altares,
que esses dias bemfadados
voltem breve aos nossos lares;
e queimando alguma cêra
á Senhora milagreira,
p'ra te conservar a pêra
e a comprida cabelleira.

Costa Lima.

Lisboa, 26 d'abril de 1886.

Os que nos lêrem, hão-de aplaudir, como julgamos, a espontânea e brincada singelêza desta resposta; não poderão, no entanto, adivinhar o valôr, que ella tem na história literária do autôr, nem o lugar especial, que ella ocupa no revôlto escrínio das nossas recordações.

Essa poesia significa, e é o tão celebrado canto do cisne.

Que saibamos, Costa Lima nunca mais escreveu versos; e d'aqui a publicação da nossa carta, como homenagem, como turibulação do nosso passado convivio, como objecto seu próprio e sobretudo e finalmente por sêr o documento, que provocou o último alento poético do autôr da *Lusa-Bambochata*.

A sua obra literária começou tarde, e acabou cêdo.

Cuido ouvir qualquer vivente
d'essas serras, com seu galgo,
a dizêr-te humildemente:
— Salve-o Deus, ó *sôr fedalgo!*
Creio ver-te a romper solas,
açodado, ardendo em braza,
procurando as quatro bolas
para os ângulos da casa.

Ou, de jaqueta e tamancos,
a guiar um grande carro,
pela estrada aos solavancos,
carregando pedra e barro;
e a ver quando na capella
do jantar a hora sôa,
p'ra engulir uma escudeia
de feijão vermelho e brôa.

. . . .

Mas.. emfim.. prompto o *quilombo*, [1]
já de volta do teu ninho,
julgo ver te, em cada lombo,
quatro dêdos de toicinho,
de bochechas escarlatas,
nedio, cheio como um pote,
a contar-nos as bravatas
do fogôso garranote.

Volta, volta, caro amigo,
ao lugar d'onde fugiste,
tu não sabes, nem te digo
como agora tudo é triste!

[1] Choupana dos indigenas do Brazil.

MONT'ESTORIL — A Linha Ferrea

VII

Concluamos nós tambem.

Pouco depois da sua despedida do teatro da Trindade, Costa Lima, que, havia muito, se queixava do estómago, foi obrigado a deslocar-se, indo, a ares, pâra um hotel de Caneças; e em tão bôa hora o fêz que os hóspedes, seus companheiros, se lhe agregaram com entusiasmo, porque encontraram a melhor e mais sadia recreação nas suas lembranças, ditos e modos de procedêr, a ponto do hoteleiro lhe oferecêr, passados dias, hospedagem gratuita, ao vêr tôda a gente encantada com semelhante convivencia.

Esta estada em Caneças sugeriu a Costa Lima um meio de segura economia, que era o seu constante pensar. A título de consolidar as melhoras da sua desfalcada saude, comprava d'ahi a pouco uma pequena quinta na vizinha povoação de Montemór, na intenção de se dedicar á agricultura, e até á sua predilecta diversão da caça, que em tôdos os tempos o atraíra e desenfastiara.

A principiar pela familia, ninguem lhe aplaudiu a resolução; êlle porêm, que uma tarde fomos encontrar, de mangas arregaçadas e sujas de barro, a pedreirar na cozinha da habitação, gabava-nos a nova mudança de vida, e ia mostrar-nos as

MONT'ESTORIL — Jardim das Palmeiras

[2] Alusão a dois pataratas, que, uma vêz por outra, iam aos serões do Rocio.

dependencias da casa, em cuja estrebaria fazia tristes calculos um descarnado garrano, que lhe viera com a compra da propriedade, e era destinado ao serviço das terras e á condução dos productos, e que nos pareceu o típico lazarento dos versos de Tolentino.

— Come, que o leva o diabo! — respondeu o Lima ao nosso reparo, em que lhe recomendavamos menos parcimónia com a desolhada alimária.

— Ha-de costumar-se com os tempos, que vão maus — concluiu — não se póde aturar a vida de Lisbôa: a carne, o peixe, os ovos, o leite... Aqui ao menos... o ar... e... A minha gente é que não gosta disto... Eu dou-me muito bem... passo melhor do estómago, e hei-de fazêr cá desta coisa uma vivenda rendosa.

que só aparecem no bom tempo — redobrava de receios pelo futuro, perdia a graça natural, e tornava-se preocupado, esquecido, merencório.

Do *Globo* passou, como pagadôr, pâra a Companhia Nacional de Caminhos de Férro, d'onde saiu, depois de algum tempo, desta vêz, porque a directoria resolvêra diminuir o pessoal do escritório.

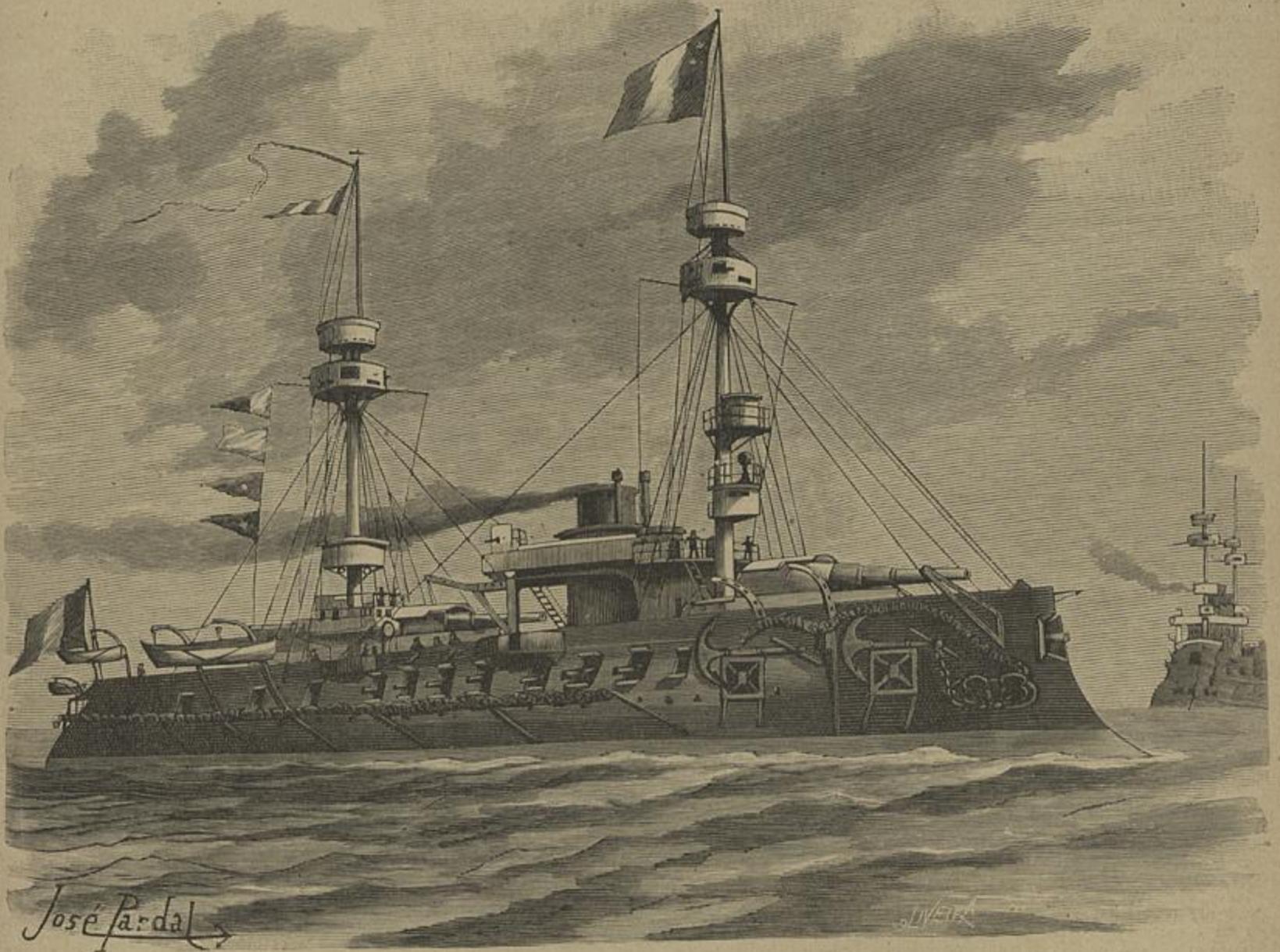
Recrescia o mau-estar; Costa Lima desertara de ha muito das palestras, e como que se afastava de tôda e qualquer convivencia.

A breve trêcho e apesar de tudo, lutando energicamente pela vida, estabelecia-se na rua das Pretas com loja de mobilia; d'ahi a tempos, trêspassava-a, e convertia-se em contratadôr de objectos antigos, tomando atitudes de sovina e exagerado encarecedôr de bagatelas.

vertiginosa; das paixões amortecidas só lhe restava uma, a da caça, que havia de acompanhal-o até ao fim da vida.

E foi ella, sem dúvida, que o levou a estabelecêr-se, ainda uma vêz, com negócio de espingardeiro, na rua do Ouro.

Quando, tempos depois, nos dirigimos á sua lojita de uma só porta, e alí fomos vêl-o, Costa Lima inspirou-nos pena, porque achámos nêlle apenas um pálido reflexo do passado, apesar de ainda mostrar muito gôsto e arte na disposição dos objectos do seu commercio.

O homem patriota e o amigo das artes e progresso existia ainda, mâs fôra-se o repentista, o gracejadôr e o entusiasta imaginôso, obscurecido por uma tristêza e um desalento mal disfarçados.

A ESQUADRA FRANCEZA NO TEJO — O Couraçado «Amiral Baudin»

E ia mostrar-nos as territas, comprehendidas em três socalcos, meia duzia de oliveiras e uma bacelada, que êlle, em espeçial, mandava espetar nos interstícios das pedras, nos buracos das parêdes divisórias, pâra poupar terreno, e augmentar o rendimento!

Apesar do rédito sêr pouco ou nada chorumento, Costa Lima ainda se conservou em Montemor perto de quatro annos, conseguindo afinal vendêr a propriedade com um certo lucro.

Voltando a residir em Lisbôa, veiu êlle pâra o nosso lado, como administradôr do jornal diário *O Glôbo*, de que fomos um dos proprietários e redactôres, em 1888. Essa convivencia deu-nos o motivo de uma aprehensão quotidiana.

Costa Lima, sabendo que um homem experiente e digno só deve contar comsigo, e abanando a cabêça afirmativamente, quando lhe diziamos o que já escrevemos — que raríssimos amigos, um entre mil, deixam de sêr o que são as andorinhas,

— Você, está-me dando um óptimo judeu — dissemos-lhe um dia, com a liberdade usual, condoendo-nos secretamente, não do seu estado de meios, que nunca felizmente lhe falharam, mâs da perda completa de umas scintilações, que eram o principal ornamento do seu espirito.

— Sim, senhôr: os óculos, o ar de finório, a calva e mais predicados dão-me um excelente traficante judaico, não ha dúvida.

— Quer vir vêr uma bella coisa, um trastinho, que eu tenho ali, em casa do Libório? — respondeu êlle simplesmente. — Um trastinho antigo...

— Não sôfro felizmente da mania de antiguidades...

— É o mêsmo. Venha vêr. Que lhe custa? Talvêz goste. É um bufêtesito de certo valôr...

E metia-nos o braço sacudidamente, levando-nos a presenciar um deploravel artigo, que nada recomendava.

A decadencia espiritual e física era palpavel e

Era o crepúsculo, que precedia a noite eterna

A Beira, d'onde iamos regressar, e ao lugar, onde primeiro soara o seu derradeiro canto de cisne, levava-nos um jornal a noticia de que Costa Lima falecera, a 3 de novembro de 1897, victima de uma afeção pulmonar, depois de se têr desfeito, havia um mês, do seu último estabelecimento, prevendo o têrmo da laboriosa jornada, aos 61 annos de edade.

Se não podémos alistar-nos no cortêjo, que o transferiu ao repouso eterno, vimos colocar-lhe estas notas comemorativas no pedestal da sua reputação de homem ilustrado e bom

* * *

Na apreciação da sua vida e obras, procurámos sêr justo e imparcial, lembrando o homem, e esquecendo o amigo, onde era preciso.

E vamos terminar, dando o resumo de uma e outras, vida e obras.

Como escritos, ficam aqui consignados, por sua ordem:

Maldição, *Não creio* e *Num album*, estrêas em verso, publicadas em jornaes brasileiros; das quaes damos amostra.

Os Pupilos do escravo, drama em 3 actos, manuscrito desaparecido.

Othelo tocadór de realejo, comedia num acto, editorada em 1874 pela livraria Mattos Moreira & C.ª

A Espadelada, comedia num acto, edição da casa Tavares Cardoso.

A Vindima, comedia original, *Orestas e Pilades*, comedia imitada, manuscritos perdidos, um dos quaes, o primeiro, consta que foi impresso no Rio de Janeiro.

Paz e Progresso, poesia publicada em avulsos, *Emfim* inserta num jornal, *O colono*, *Prólogo de um livro*, *Recordações da minha terra*, *Fado* e *A um padre*, poesias constantes do seu album, e citadas com excerptos nestas memórias.

Um conto á lareira, monólogo em verso, editorado por Tavares Cardoso.

A Luza Bambochata, poema triste em verso alegre, a obra capital, publicada pela mêsma casa de Tavares Cardoso.

Carta ao Visconde de Sanches de Frias, últimos versos, constantes dêste escrito.

*
* *

Sinthetisando as ocupações, cargos e oficios, em nenhum dos quaes permaneceu quatro annos, vemos que Costa Lima, num periodo de cincoenta, foi:

aprendiz de ferreiro, môço de cego, marçano, caixeiro por vêzes, agente de negócios, empregado de várias indústrias, caçadôr, proprietario de uma emprêsa funerária, hoteleiro, alugadôr de fatos de máscaras, fotógrafo por diversas vêzes no Brazil e em Portugal, empresàrio teatral, gerente de botequim, pagadôr do caminho de ferro do Minho e Douro, directôr do Asilo Maria Pia, lojista na rua do Côrpo Santo, dono do Bazar de Novidades na rua do Ouro, commerciante da Casa de Berlim na mêsma rua, lavradôr, administradôr de jornal, pagadór da Companhia Nacional dos caminhos de ferro, negociante de mobilia, agenciadôr de objectos e moveis antigos, espingardeiro, actôr e autôr.

Fenómeno extraordinário! voluvel descomunal!

Sem que nos ceguem saudosas lembranças, podemos afirmar que, como autôr, aprofundando estudos com a tranquilidade e presistencia necessárias, Costa Lima teria sido um homem de letras, fecundo, aprimorado e distincto; e, como actôr cómico e dramático, dedicando-se ainda vigorôso á difícil e espinhosa carreira do teatro, daria, além de um grande artista, uma fulgurante notabilidade.

> Sátiras prestam, sátiras se estimam.
> Se nellas a calúmnia o fel não verte.

dìsse muito bem o inimitavel Bocage.

Costa Lima não calumniou ninguem; castigou ao contrário máculas frisantes no seu livro capital.

Apesar de tudo pois, ha-de vivêr por muito tempo na caracteristica e vehemente mordacidade do seu poema, que é um grito formidavel contra a impolítica desgovernação dêste paiz, pelo seu passado heroico e por seus recursos e dotes naturaes, tão digno de melhor sorte.

Se êsse livro não vale uma glória, significa um padrão.

Os padrões até num paiz de vândalos podem perdurar longamente.

Sanches de Frias.

A HISTORIA DE MONSERRATE

Para completarmos, na medida dos nossos conhecimentos do assumpto, o estudo, alias primoroso, que o sr. Alberto Telles consagrou a Monserrate em um dos ultimos numeros d'O OCCIDENTE, traremos hoje para aqui a historia d'esse dominio que antes de ser do riquissimo Cook foi d'uma nobre casa de Portugal. Justamente, n'este ponto, do seu artigo falhou a documentação ao sr. Alberto Telles e a titulo de subsidio para o seu trabalho a fômos buscar nós onde sabiamos encontral-a; ao cartorio do sr. conde de Nova Goa.

A Quinta da Boa Vista ou de *Monserrate*, (como é escripto em antigos documentos), proxima de Cintra, fazia parte do vinculo instituido no anno de 1718 por Caetano de Mello e Castro, que foi governador de Sena e de Pernambuco e depois Vice-rei da India, cuja historia menciona, que «governára a India com prudencia e reputação das armas portuguezas». Era casado com D. Marianna Joanna de Faro, filha mais velha dos Condes da Ilha do Principe e Dama de Honor da Rainha D. Maria Anna de Austria; pertencia ao ramo segundo da Casa Galveias. Tendo fallecido sem descendencia o filho primogenito Antonio José de Mello e Castro sob as ruinas do seu palacio, ás Chagas, por occasião do grande terremoto do anno de 1755, passou a successão d'este vinculo ao filho segundo Francisco de Mello e Castro, que prestou assignalados serviços nas guerras do Norte, na India, onde foi ferido e aleijado na mão esquerda. Exerceo os cargos de Mestre de Campo de Infanteria com o governo da praça de Rachol e depois de general de Rios de Sena, onde morreu.

D'este Francisco de Mello e Castro descende e é successor o actual Conde de Nova Goa, D. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Siqueira e Abreu, em cuja menoridade, no anno de 1856, fez sua mãe e tutora com authorisação do Conselho de Familia, o contracto de subrogação em inscripções da referida Quinta de Monserrate ao abastado capitalista e negociante inglez Francisco Cook, hoje Visconde de Monserrate.

Esta bella vivenda tinha sido arrendada a longo prazo no anno de 1790 pela então administradora d'este vinculo D. Francisca Xavier Marianna de Faro Mello e Castro, representada pelo seu procurador em Portugal, Jacintho Fernandes Bandeira, que foi o primeiro barão de Porto Covo da Bandeira, ao negociante inglez Gerardo de Wisme, então muito conhecido em Lisboa.

Damos em seguida por ser de curiosa traça um excerpto da escriptura de arrendamento da Quinta de Monserrate a este subdito britanico:

«... E por elle Jacintho Fernandes Bandeira foi dito na minha presença e das testemunhas ao deante nomeadas. Que estando a dita Preclarissima Donna Francisca Xavier Mariana de Faro sua Constituinte de posse de huma Quinta denominada de Monserrate, no termo da Villa de Cintra, como actual e legitima Administradora do vincullo instituhido por Caetano de Mello e Castro a que pertence a mesma Quinta; e devendo elle Jacintho Fernandes Bandeira como Procurador Geral da sobredita Administradora neste Reyno não só arrendar utilmente a mesma Quinta, mas tambem promover a utilidade, conservação, e augmento deste Predio quanto por Direito na qualidade da Administradora era obrigada a fazelo a dita sua Constituintte a quem elle pelos amplos poderes da referida Procuração inteiramente representava em têrmos taes não devia perder a importante ocasião que se lhe offerecia de hum vantajoso melhoramento para o mesmo Predio e seus Administradores, dando-se este de renda ao sobredito Gerardo Devisme que sendo hum dos mais solidos Negociantes desta Praça caracterisado de conhecida probidade, e de hum genio particular para a Agricultura; pertendia não só arrendar a dita Quinta largo tempo pór ser aquelle sitio o mais remoto, o mais similhante aos ares da sua Patria, e por isso o mais conveniente para a sua saude e para descançar das fadigas do seu Commercio, mas tãbem pertendia restablecer a mesma Quinta augmentando seus Pomares, e dando-lhe o beneficio de que careciâo, reedificando a seu arbitrio as casas da mesma Quinta, as quaes pelo estrago do Terramoto do primeiro de Novembro de mil settecentos cincoenta e cinco, padecerão ruina tal que as tem feito quasi inhabitaveis, e ultimamente fazendo as mais officinas de que precisa huma habitação decente...»

Retirando-se para Londres por motivos de saude, Gerardo de Wisme, sub-arrendou Monserrate ao celebre William Beckford, tão caracteristica e brilhantemente descripto pelo nosso primoroso escriptor e historiador Rebello da Silva no seu livro — *Lagrimas e Thesouros*.

Foi Beckford quem construiu o sumptuoso palacio, sobre cujas ruinas o actual possuidor de Monserrate edificou o que nós hoje admiramos, nacionaes e estrangeiros.

Os restos mortaes do instituidor d'este vinculo, Caetano de Mello e Castro, jazem na capella-mór do convento de Sant'Anna, dos religiosos do Carmo, de Collares, propriedade hoje pertencente ao sr. conselheiro José Dias Ferreira, que tem restaurado com muito gosto a capella e os mausoleus n'ella encontrados.

Remontando mais atraz na historia de Monserrate apenas d'ella encontramos noticia no seculo XVI como pertencente ao Hospital de S. José, e por elle aforado.

Se entrarmos nos dominios da lenda encontramos uma curiosa tradição da sua origem: quando sarracenos dominavam ainda na serra de Cintra habitando uma povoação encerrada nos muros do castello (hoje — castello dos Mouros), um fidalgo christão que vivia na Quinta da Bôa-Vista (Monserrate) tendo uma desintelligencia com o mouro governador do povoado provocou-o em duello que se realisou no cimo da quinta. Após encarniçada lucta o cavalleiro christão foi derrubado e morto. Em memoria d'este acontecimento se construio no local da lucta uma ermida dedicada á Senhora de Monserrate.

P. de Siqueira e Abreu.

CÃES MELOMANOS

POR MÉHUL

O ouvido, constitue, nos cães, orgão de preciosa sensibilidade, de finura maravilhosa. Este animal é, além d'isso, intelligente, affectuoso, susceptivel de sympathias, de ternos sentimentos. Alguns physiologistas distinctos, devido a éssa circumstancia, tem sustentado que o cão reune todas as condições necessarias afim de sentir agudamente as bellêzas da arte musical, d'essa arte que, acima de tudo, vive de sentimentos, de paixões.

Eis, sobre o assumpto de que nos occupamos, uma anecdota assaz galante, quasi contemporanea, e cuja authenticidade nos e abonada por uma testemunha ocular.

Nos inicios da Revolução, ia todos os dias um cão á parada que se effectuava em frente do palacio das Telharias, mettia se por entre as pernas dos musicos, marcháva com elles, parava quando parávam; terminada a paráda, desapparecia até o dia seguinte, á mesma hora, voltando ao seu lugar acostumado.

A constante apparição d'este cão, e o singular prazêr que parecia causar-lhe a musica, chamaram sobre elle a attenção dos musicos, os quaes, por lhe não sabêrem o nome, lhe pozeram alcunha de *Paráda*.

D'ahi a pouco, todos lhe faziam festas, e cada qual, passando-lhe a mão pelo lombo, convidava-o por sua vez a jantar: — *Paráda, anda d'ahi jantar commigo*. Bastavam estas palavras. Seguia o cão a quem o convidáva, comia alegre e com optimo apetite; constante nos gostos como na independencia, despedia-se o amigo Paráda, sem haver coisa n'este mundo capaz de o deter, e la ia até á Opera, á Comédia Italiana, ou ao theatro Feydeau; entrava na orchestra, com toda a semcerimonia, postáva-se a um cantinho, e sahia unicamente terminádo o espectaculo

Não havia nada mais divertido, mais curioso, que a attitude do Paráda, durante a representação.

Se acáso se representava uma obra nova, percebia-o desde as primeiras nótas da abertura, e escutava com a maxima attenção. Se na peça abundavam melodias ricas, originaes, manifestáva o prazer que lhe causavam tripudiando em alégre sapateado. Se a obra, pelo contrario, era mediocre, pállida, insignificante, Paráda entrava a bocejar, voltáva costas ao theatro, mirava alternadamente os camarotes, a plateia e retirava-se, porfim, de muito mau humôr. A sua expressiva pantomima constituia a mais picante critica da opera nóva.

Quando se representava qualquer obra de grande mestre, o *Paráda* sabia sempre o momento preciso em que o artista em vóga ia cantar um trêcho saliente, e então, pelos movimentos, e pelos gestos, esforçava-se em impôr silencio aos espectadores.

Ignoro se o sobredito cão viveu por muitos annos e se persistiu em seus habitos; a sua figura, porem, o seu nôme e a sua reputação estão ainda bem presentes á memoria de varios que o viram e foram testemunhas da singularidade do seu caracter.

A este facto que acabámos de narrar, accrescentarêmos uma anedocta que não prova menos sagacidade e intelligencia musical.

Alguns annos atraz, um tocadôr de realejo, velho e cégo, percorria, com o seu cão, as ruas de Londres, tocando modinhas populares, que constituem, conforme sabe toda a gente, o repertorio dos nossos artistas ao ar livre. O realejo servialhe de ganha-pão, e o cão de piloto nas encruzilhadas da cidade, e mercê da beneficencia dos transeuntes, que lhe iam deitando na sacóla al-

guns meúdos em cobre, o virtuóse nomade e seu fiel companheiro lá iam remediando, com tal ou qual facilidade, as urgencias da vida.

Uma tarde, o vélho, estafado de andar todo o dia, adormecêra encostado a um fráde de pedra; o intelligente quadrupede não tardou muito que o não imitasse, e como fosse chegada a hora em que a tranquillidade e o silencio haviam succedido á agitação da grande cidade, e como não viesse perturbar o somno a nenhum d'elles rumor, qualquer que fôsse, dormiram os dois amigalhaços tempos esquecidos...

Quando accordaram, qual foi, porém, o seu espanto, a sua dôr — desapparecêra o realejo! — O seu ganha-pão, seu meio unico de existencia! Que fariam, agora, e que havia de ser de ambos?

Pintar-vos a inquietação, quer do vélho, quer do companheiro, seria coisa impossivel; felizmente, o pobre vélho éra conhecido em alguns bairros da cidade, as suas circumstancias inspiravam compaixão, e com quanto já não tocasse as modinhas do costume, estava toda a gente dis posta a soccorrel-o tal qual faziam outr'ora e a presença d'elle bastava a provocar manifestações de caridade. E d'este modo, os dois amigos não sentiram demasiado a perda do seu instrumento. Tinham saudades d'elle, como as poderiam ter d'um companheiro que, durante muito tempo, os amparara no infortunio.

E assim foram decorrendo semanas, ia-se acalmando a dôr do vélho, eis senão quando, um bello dia, lhes viéram ferir o ouvido os sons de um realejo que retumbavam para ahi a uns cem pássos. Tão vulgar incidente, a principio, não lhes excitou por demais o interesse, pois é certo que em Londres fervilham os executantes nomadas, e, mal a gente põe o pé na rua, encontra enxames d'elles, a cada passo. A presença de um tocadôr de realejo tomou-a, pois, o vélho como festa de todo insignificante, e seguiu seu caminho com a mais completa indifferença.

Outro tanto não succedeu ao seu guia; tremêra-lhe o corpo todo, assim que ouvira os primeiros sons do instrumento; a agitação da cauda, e a insistencia dos latidos, assaz denunciavam a viva comoção que experimentava; depois, como se adoptára subita resolução, arrastou com força o dôno em direcção ao sitio em que soára o realejo, mais offegante a respiração, muito mais violentos e mais expressivos os bérros que soltava.

Eil-o, afinal, em frente do tocador de realejo; não se enganára o intelligente quadrupede. Era aquelle o instrumento, não havia que duvidar, o instrumento tão estremecido por seu dôno, o instrumento que lhe haviam furtado em quanto dormiam. Intrigádo, desde logo, e muito, pela perfeita analogia dos sons que acabava de ouvir com esses que tanta vez lhe haviam ferido os ouvidos, o sensivel animal quiz esclarecer as duvidas, fixar a sua incerteza. Guiára-o instincto admiravel e éra infallivel esse instincto.

Atirar-se ao ladrão, saltar-lhe ás guélas, dependurar-se no tão chorado instrumento, ir avisar o velho, foi obra de um instante. Os espectadores de scena tão extranha, a principio, ficaram surpreendidos, intrigados a mais não poder sêr; até que, por fim, adivinhando que por traz d'aquillo havia misterio, tentáram profundal-o. Fizeram mil perguntas ao vélho, que tudo compreendêra e lhes deu a chave do enigma.

Pin-Sél.

LIVRO DAS QUE SOUBERAM AMAR

PELA

PRINCEZA ***

COMMENTADO POR

Arsène Houssaye

LIVRO III

VII

CONTA A PAGAR

Debalde tentei exprimir a Violante toda a dôr de a haver perdido e a alegria de tornar a vêl-a. Aquelles lindos olhos onde outr'ora minh'alma penetrava, pareciam não mais me conhecerem. Uma ou outra vez erguia-os para mim com olhares d'aço: o coração que rapido me batia soffria o golpe glacial.

Afastára-me, pouco a pouco, de Flor de Pecego, como quem queria observar a paisagem, mas, d'ali a um instante, já aquella rapariga se encostára de novo a mim, com a mais intima das familiaridades, não lhe importando dar-se em espectaculo a Violante. Para remate, falou de rijo da nossa felicidade, percorrendo o bosque de Saint Germain por um tempo tão bonito. E que alegria jantarmos os dois sósinhos no Pavilhão Henrique IV! Que destroço não iria ella fazer em camarões e morangos! Já tinha sede do chateau Yquem, de vinho do Rheno marca Metternick, de vinho de Champagne marca Jules Mumm; pois Flor de Pecego é conhecedora de todas as lavras, como boa gulosa que é. Eu estava sobre brasas; por mais que fingisse não a ouvir, era muito comigo que ella falava; duvida nenhuma podia restar para Violante, que diria comsigo que eu tinha consolações á mão.

A minha vontade era deitar Flor de Pecego pela janella fóra; mas, como não são coisas que se façam vulgarmente, devorei comigo a minha raiva. Já não sabia que dizer, não sabia que fazer.

Flor de Pecego percebia que a estranha não era inteiramente estranha; lembrava se vagamente de a ter já visto comigo, mas era isso ainda mais um motivo para desafial-a.

Ancioso, peguei n'um charuto e pedi licença a Violante para fumar.

— Não, senhor, respondeu-me ella, do alto de toda a sua dignidade.

Deitei o charuto pela janella fóra.

O comboio já ia na meia encosta; teriamos quando muito só dois minutos para ainda estarmos juntos; mas cada segundo d'esses dois minutos fiz eu um projecto novo: offerecer a Flor de Pecego vinte e cinco luizes para que se deixasse ficar socegada no seu cantinho; agarrar violentamente na mão de Violante e dizer-lhe que aquella mulher que ali estava não era minha, porque era de toda a gente; tratar de fazer perceber á veneziana que no meu desespero fôra ter com Flor de Pecego, como quem se deita n'um abismo.

Mas passavam os segundos e eu era immovel; o comboio approximava-se da estação e eu era silencioso.

Nada sabia, quando desci.

Sahi rapido primeiro, para offerecer a mão a Violante, para apertar-lhe a d'ella e leval-a comigo, fosse para onde fosse, dissesse Flor de Pecego o que dissesse. Mas Violante desceu sem se dignar apoiar-se a mim.

— Violante, disse-lhe eu com a expressão do mais profundo amor, bem sabes que te amo mais do que nunca!

Não me respondeu. Nem olhou para mim.

Segurei-lhe o braço por um movimento de apaixonado amor; mas n'esse instante deu ella o outro braço a um secretario de embaixada que eu conhecia muito.

— Perdão, disse-me elle com um sorriso cordial e ar decidido, creio que se engana de mulher.

E mostrou me Flor de Pecego que olhava para mim muito espantada do que ella julgava ser uma distracção.

— Não, não me engano, bem o sabe, disse eu ao secretario de embaixada Quem se engana não sou eu. Veja; mademoiselle Flor de Pecego espera-o

Violante, que se havia solto da minha mão, apoiou-se amorosamente no braço do secretario de embaixada. Apesar da victoria obtida, pegou n'um bilhete de visita e apresentou-m'o dizendo-me com imperceptivel mofa:

— Aqui tem o meu bilhete. Leve-o áquella senhora.

Atirei a dez passos com o bilhete do secretario.

VII

OS PRAZERES DE SAINT-GERMAIN

Que enchentes a vazantes no coração humano! Ainda ha pouco adorava Violante, odiava-a agora! Já não havia duvidas; era a amante d'aquelle homem! Não era direito d'ella tratar-me de tão alto. Tanto amor deveria assim findar em tanto desdem?

Contentei-me em responder ao secretario da embaixada que n'esse mesmo dia estava ás suas ordens no pavilhão Henrique IV, onde os meus padrinhos receberiam os d'elle. Separámo-nos sem olharmos para traz; elle caminhou direito á egreja e eu com Flor de Pêcego fomos para o terraço.

— Ora ainda bem, disse comigo, prova-me este encontro que já me não importa com Violante.

O furor, os ciumes cegavam-me; mas não se passaram cinco minutos que me não sentisse, mais que nunca, dominado pelo imperioso encanto d'aquella mulher.

— Isto é que vai ser divertimento, disse Flor de Pêcego: um passeio no terraço, um jantar no pavilhão Henrique IV e um duello no bosque!

Assim tudo passou effectivamente, mas não pela ordem que Flor de Pêcego o indicara. Começámos effectivamente pelo passeio no terraço, mas ainda não terminaramos a sexta volta, escutando distrahidamente a abertura da Zampa, musica militat cortada pelos gritos das crianças a brincarem, quando os padrinhos do secretario de embaixada, dois officiaes da guarnicão de Saint-Germain, se me apresentaram, perguntando-me se eu era o sr. conde Paulo de Hauteroche.

Percebi.

Com a cabeça toda preoccupada de Violante, não mais pensava nos padrinhos que devêra procurar. Por isso pedi aos dois officiaes que me procurassem dois padrinhos entre os camaradas Estava ao dispôr d'elles, fossem quaes fossem as armas. Disseram-me aquelles senhores que o quasi embaixador, desejava que tudo se fizesse sem barulho, d'ali a duas horas, no bosque, para evitar noticias nos periodicos, pois que na sua qualidade d'homem official de uma grande nação estrangeira temia os jornaes e o tribunal correccional.

Acharam-me duas testemunhas A's sete horas, batemo-nos ao florete, junto ao carvalho de S. Luiz. O secretario de embaixada ficou ferido n'um braço, emquanto o florete d'elle vacillante me arranhava a mão. Como vêem ainda conservo o signal. Intervieram os officiaes, embora o meu adversario quizesse continuar com a mão esquerda. Era por orgulho proprio ou por Violante? Emquanto a mim nunca estive tão tranquillo n'um duello, porque me seria suave morrer por aquella insensata rapariga.

Os jornaes não falaram do duello. Combinára não falar n'isso fosse a quem fosse. Por infelicidade, Flor de Pêcego contou tudo, dizendo que era um segredo, e por isso a nova esteve por um triz a espalhar-se. Mas a quem me interrogava mostrava tal ar de não perceber, que todos cuida ram que era historia da rapariga, que não deixára de dizer ter sido a causa do duello.

O mais extraordinario do caso é ter-me sido impossivel descobrir para onde Violante se sumira. No dia seguinte, indo saber novas do meu adversario, pedi-lhe que me recebesse. Fel-o com a maior delicadeza. Estava com febre, mas só com o criado de quarto.

Nada em casa d'elle dava a perceber a estada ali d'uma mulher.

— Note, disse-lhe eu, que não venho aqui para arrancar lhe nem uma mulher, nem um segredo. Mulheres são boa presa, sobretudo quando são das que se entregam. Nunca fui tão ridiculo que perseguisse as que me fogem. Mas é que entre mim e Violante houve um pacto para áquem e para além do casamento. Quando a vi no wagon, suppuz que a tinha encontrado outra vez.

O secretario de embaixada respondeu-me a sorrir.

— E tambem suppoz que eu era amante de Violante. Pois bem, sou o exemplo d'um verdadeiro cavalleiro da Triste Figura, pois que levei uma estocada por uma mulher, que não era minha e que nunca será minha.

— Com effeito, eis uma acção de cavalleiro; mas isso não lhe dá uma figura triste. Explique-me então porque foi que Violante quasi se lhe deitou nos braços, parecendo querer fugir-me.

— Quasi lh'o queria perguntar. Sabe que já nos conheciamos. Cantou em casa d'aquella gran-duqueza milaneza, onde nós ambos tambem nos conhecemos. Ali conquistei seu coração, falando-lhe de Veneza; mas, mais uma vez, como dizem na Praça de S. Marcos, «nunca andei de gondola com ella.»

— Confesso-lhe que cuidava encontral-a aqui.

— Não. Talvez venha para me perguntar novas suas, talvez para me perguntar novas minhas. Tambem ella fôra como o senhor, ao Pavilhão Henrique IV. Emquanto, depois do duello, o senhor jantava alegremente com Flor de Pecego, voltava eu melancolicamente para Paris. Na gare de Saint-Germain veio ter comigo. — «Espera-vao» disse-me. Contei-lhe o duello. Mostrou-se muito apouquentada com o meu ferimento; mas não quero jurar que não estivesse contente, visto que sendo eu o ferido, o sr. estava muito bem. Devo entretanto dizer que nem pronunciou o seu nome; mas conheço as mulheres. Fizemos juntos caminho até ao Vésinet. Ahi, quasi, por assim dizer, sem aviso desceu e desappareceu na sombra. Volte cá. Se ella vier eu lh'o direi, se ella me não pedir segredo.

Lealmente com a mão esquerda apertei a mão esquerda do meu adversario e voltei para casa, perguntando a mim mesmo que teria Violante ido fazer ao Vésinet.

Decerto ali estava em alguma linda vivenda, escondida, com outro amor.

CARLOS LISBOA — Fallecido no dia 6 do corrente

Adivinham que não me demorei muito em tomar o caminho de Saint-Germain. No dia seguinte, descia no Vésinet, disposto a fumar tres ou quatro charutos, percorrendo a formosa aldeia. Mas voltou a noite e eu nada sabia Em vão distribuira vinte francos por aqui, vinte francos por ali, para que me dissessem o que era feito d'aquella linda mulher loira, que obrigava qualquer a voltar a cabeça, pelo seu brilho milagroso. Tinham-a visto aqui, ali, acolá; mas não morava no Vésinet, talvez ali tivesse vindo á procura de alguem ou para arrendar alguma casa de campo. Um jardineiro do sitio disse-me o nome de todas as senhoras da terra, retratando-as, mas em nenhuma reconheci Violante.

Voltei ás minhas incertezas e anciedades.

Passava o tempo, não vinha o esquecimento. Dias, semanas, mezes passaram.

—A proposito, disse-me um dia Flor de Pecego, sabes que sempre me deves um quarto d'hora de amor? Cada vez que juntos queremos tomar o caminho de Cythera, ha sempre difficuldades.

(Continúa).

NECROLOGIA

CARLOS LISBOA

Na correspondencia de Lisboa para o *Conimbricense*, firmada pelo nosso bom amigo e dedicado collaborador do Occidente, sr. Silva Pereira, encontramos as seguintes notas biographicas respeitantes a Carlos Lisboa, o laborioso jornalista da velha guarda que infelizmente vae desapparecendo no tumulo.

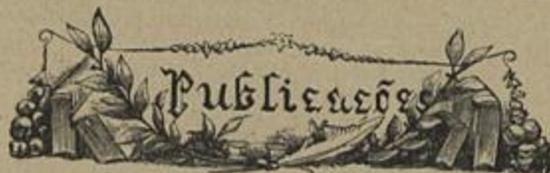
«Carlos Lisboa começou a sua carreira de jornalista aos 32 annos de edade n'uma folha litteraria chamada *Jornal para todos* (1871), de que foi redactor principal. Em seguida foi proprietario e redactor principal da *Gazeta da Noite* (1878), *Gazette du Portugal* (1882), mudada depois para o titulo de *Revue du Portugal et ses Colonies*. Foi redactor-gerente e editor responsavel da *Gazeta de Portugal*, orgão da chefia do sr. Antonio de Serpa (1887-1892). Em 1896 fundou a *Gazette diplomatique e consulaire du Portugal*, que em janeiro de 1898 foi substituida por *La Revue Illustreé du Portugal*, interessantissimas publicações escriptas em puro francez e muitissimo conceituadas na Belgica e em Paris e Londres.

«Carlos Lisboa collaborou em tempo no *Jornal do Commercio*, no *Commercio Portuguez*, do Porto, e no *Jornal do Porto*; foi por muito tempo redactor effectivo do *Commercio de Portugal* e do *Jornal da Noite*, no tempo de Teixeira de Vasconcellos, e depois secretario da redacção d'esse jornal pela doença do sr. Ferreira de Castro. Tambem foi secretario da redacção do *Atlantico*, correspondente do *Economiste français*, etc., etc.

«Carlos Lisboa era além de jornalista de muita erudição e indiscutivel merito, homem de nobilissimo caracter e d'uma probidade a mais austera. Ninguem sabe actualmente como elle soube, a melhor maneira e occasião de fundar um jornal, administral-o, redigil-o e popularisal-o. Tinha para isso qualidades excepcionaes como nenhum outro jornalista.

«Trabalhador infatigavel produziu muito e bom, sempre modesto, sempre retrahindo-se aos elogios, e gostando muito pouco de pôr-se em evidencia. O partido regenerador perde n'elle um dos seus mais fieis e devotados correligionarios.

«Carlos Lisboa, entre outras honrarias devidas aos seus merecimentos, tinha a commenda da Ordem de Christo e agora o grau de cavalleiro da Ordem de S. Thiago.»

S. P.

Recebemos e agradecemos:

Relatorio e *propostas de lei e documentos relativos ás possessões ultramarinas apresentados na camara dos srs. deputados da nação portugueza em sessão de 20 de março de 1899, pelo ministro e secretario de Estado dos negocios da marinha e ultramar, Antonio Eduardo Villaça.—Lisboa. Imprensa Nacional, 1899.*

A imprensa diaria já tributou a tão importante conjuncto de propostas largas e desenvolvidas criticas, em que por vezes a paixão partidaria obsecou um pouco os articulistas, mas que em geral alguma cousa de bom foram forçados a achar entre tão variadas disposições e projectos legislativos. O sr. ministro da marinha colligiu n'este volume dados interessantissimos respectivos ás nossas colonias, que tornarão em todos os tempos de muito apreciavel consulta este primeiro volume da grante collecção.

Contem ella tambem varios mappas e quadros graphicos, que tornam mais claro e rapido o conhecimento dos resultados estatisticos de varia especie que enriquecem e illustram a importante publicação.

Poesie Portoghesi e Sivigliane *tradotte in italiano—por Prospero Peragallo—Genova—Stab. Ved. Papini e figli—1899.*

N'uma formosa edição de 100 exemplares, fóra do commercio, reuniu o nosso querido e venerando collaborador sr. Prospero Peragallo, uma lindissima collecção das suas traducções para italiano de varias poesias portuguezas e sevilhanas. Distinguiu-nos com um exemplar e n'elle nos honrou com uma tão doce quão agradavel dedicatoria, em que o illustre academico nos penhora com a mais viva expressão da sua amizade.

Todos os nossos leitores conhecem o mimo, a delicadeza e a fidelidade, sobretudo, com que o rev. Prospero Peragallo verte para o seu harmoniosissimo idioma as mais inspiradas poesias portuguezas.

A presente collecção, que se acabou de imprimir em 1 de abril do anno corrente, forma uma *Nuova serie* de traducções e sahiu á luz em Genova, impressa nitidamente, em finissimo papel, pelos habeis Papini e filhos, com estabelecimento typographico na Piazza Pammatone e Vico Bosco

Representa esta edição um mimoso brinde offerecido pelo rev. Peragallo aos illustres esposos sr. Giovanni Battista Cereseto e senhora D. Giuseppina Pizzorni, no dia do seu casamento. Delicadissimo pretexto para uma significativa homenagem. Terminando a sua dedicatoria *Agli Sposi*, diz o illustre erudito:

«A minha dadiva, como vedes, é bem pouca cousa; mas vós decerto a recebereis retendo-a como a expressão dos meus ardentes votos pela vossa felicidade.»

Abre a collecção com o canto V dos *Luziadas*, o celebre episodio do *Adamastor*, e, n'esta como em todas as outras poesias, emparelham-se o original e a traducção.

Dos poetas portuguezes vemos traduzidos Camões, Garrett, Xavier da Cunha, Theophilo Braga, Anthero do Quental, José Ramos-Coelho, J de Sousa Monteiro, Ant. Feliciano de Castilho, João de Deus, Joaquim de Araujo, A. A. Soares de Passos, Julio Diniz, J. da S Mendes Leal, L. Paulino de Oliveira Pinto da França, Luiz de Campos, Queiroz Ribeiro e Villela Passos.

Como se vê é deveras opulenta a collecção portugueza, graças á honrosa sympathia que sempre nos dedicou o venerando escriptor italiano, affecto que tanto mais se sublima, parece, quanto mais longe de nós se encontra o rev. Prospero Peragallo.

A collecção sevilhana é tambem importante e n'ella figuram auctores nossos conhecidos.

No final, modestamente, insere o illustre traductor uma das suas mais bellas composições poeticas: *Al Sommo Pontefice Leone XIII*, escripta em italiano para o album manuscripto polyglota que, com poesias, não excedentes a 32 linhas, se offereceu em tempo ao Summo Pontifice. Fecha, pois, com chave de ouro.